

ENTREVISTA COM SILVIANO SANTIAGO¹

Mil rosas roubadas propõe um jogo ao leitor: o da verdade na ficção ou o da vida da mentira. O que é falso e o que é verdadeiro?

O romance – ou a obra de arte – ludibria as categorias opostas e excludentes de verdade e de mentira para nos retirar do ramerrão de uma visão de mundo precária de ética. A verdade é a obra de arte enquanto tal. Romancista algum pede ao leitor para assimilar a verdade como se ela viesse da boca de jurista íntegro. Tampouco lhe pede para acreditar na mentira tal como dita por boquirroto. O romance é descendente da técnica da meia tinta na pintura. Leonardo da Vinci lembra que, “para desenhar em relevo, os pintores devem aplicar uma meia tinta sobre a superfície de um papel de modo a localizar as sombras mais escuras e depois o lugar das luzes principais”. O romancista aplica a meia tinta em tema polêmico para localizar melhor as sombras mais densas e acentuar o lugar inquietante em que pode jogar a luz reveladora. Compete ao leitor e só a ele afiançar, abonar ou não, a verdade naquela ficção e a vida naquela mentira.

Obras anteriores de sua autoria, *O falso mentiroso e Histórias mal contadas*, levam a experiência de “mentir” ao relatar o “acontecido” ao extremo. O novo livro também se aproxima de *Em Liberdade e Viagem ao México*, por ser um romance narrado em forma de biografia, um pastiche do gênero. Em que ponto entre os quatro se situa *Mil rosas roubadas*?

Não sou exceção. Como a maioria dos romancistas, sou um falso mentiroso. Ao dizer que, como autor, minto, é porque digo a verdade da “ficção”, da literatura. Uso e abuso dos dados acontecidos que me são oferecidos pela minha experiência de vida (autobiografia) e pela experiência de vida das pessoas que conheço (biografia). Ponho-os a trabalhar no liquidificador

¹ Esta entrevista foi originalmente publicada em 08/06/2014, no *Jornal Folha de São Paulo*, no suplemento “Ilustríssima”. Entrevistador Álvaro da Costa e Silva. Aqui republicada com autorização de Silvano Santiago e de Álvaro da Costa e Silva, a quem agradecemos.

da prosa literária e, no processo de estilização, escorrem mil rosas roubadas. Meu último romance se assemelha aos exemplos dados, afinal foram todos escritos pelo mesmo autor. No entanto, deles se diferencia porque eu nunca tinha sido tão confessional. Ou seja, sempre deixava os dados biográficos ocuparem o lugar de honra. Agora, não.

O narrador a certa altura se pergunta: “Todo biógrafo não será monstruoso por definição?” Em outro trecho, afirma que o livro não terá “a forma de ramerrão jornalístico”. Qual a sua avaliação do gênero biográfico?

Biografia é um gênero em si. A autobiografia também. O romance – pelo menos desde Daniel Defoe, passando por Gustave Flaubert e Machado de Assis – usou o gênero biografia ou autobiografia como suporte para o romance. Suporte é como a moldura que envolve uma tela. Mas a tela/romance não se confunde com o suporte/biografia. O estilo, os recursos retóricos, os efeitos buscados, etc., são outros e diferentes. Se o romance for escrito na terceira pessoa tem como suporte a biografia (*Madame Bovary*). Escrito na primeira pessoa, a autobiografia (*Dom Casmurro*). Meu narrador é um biógrafo autobiógrafo, ou vice-versa. É, em si, uma figura monstruosa. Duas cabeças e um só olho. Acredito, no entanto, que a imagem estrambótica revela os truques (de estilo, retóricos, etc.) de qualquer biógrafo. É impossível escrever uma biografia que não seja minimamente autobiográfica. Elevei a contradição entre a terceira e a primeira pessoa ao extremo. Para tal, usei o gênero romance.

O que acha da produção biográfica recente no Brasil?

Aclaremos antes um ponto. Se o romance tem como suporte o gênero biográfico ou autobiográfico, a biografia tem como suporte o verbete enciclopédico. Tenta narrar os fatos particulares das várias fases de uma vida real. De maneira objetiva, ela dá nome aos bois. Ao contrário da enciclopédia, que encontra no estilo enxuto e conciso sua redenção, os parâmetros da escrita biográfica tendem a ser ditados pela diversidade do jornalismo moderno. Algumas têm como herança o bom jornalismo

que herdamos do antigo *Diário carioca*. Outras têm como modelo os escandalosos tabloides ingleses. Outras mais têm como modelo *Contigo* ou *Caras*. Há de tudo na quitanda do seu Salomão. No novo milênio, o crítico não é mais censor, ele mapeia. Indica o que pode ser aquilo que é e o que pode ser aquilo que parece ser. E, assim sendo, diz que há certos filmes recentes mais interessantes para a discussão sobre a biografia no Brasil: *Madame Satã*, de Karim Aïnouz, *Os diários de motocicleta*, de Walter Salles, e *Capote*, de Bennett Miller. Aprendam com eles, futuros biógrafos.

O narrador é um historiador. Essa seria mais uma condição que o afasta do biógrafo, digamos, mais ligado à produção jornalística?

De modo algum. O narrador é historiador porque ele enquanto personagem tinha de ser historiador. O romance quer explorar o conflito entre a razão e a imaginação como norte de vida. Oscila entre a objetividade e o delírio como forma de compreensão do real, entre o enrustido e o desbundado, entre o funcionário público assalariado com aposentadoria garantida e o ator que sobrevive com a bilheteria diária e vive num apartamento em sistema de comodato, entre o universitário bem posto na vida e o artista que vive como agregado, entre o pesquisador e o inventor de si mesmo. Esses conflitos são o alicerce do drama maior do historiador. Paradoxalmente, ele se revela mais emotivo e mais apaixonado que o artista. Seria ele o verdadeiro artista? Os conflitos são também o alicerce para um dos capítulos mais importantes do romance, o sétimo, “Estilo”. A questão do estilo, a meu ver, é a principal do gênero romance, questão muitas vezes escamoteada no gênero biografia. Com que estilo o narrador de biografia ou de romance (pouco importa o gênero) escreve a vida de outra pessoa que é bem diferente dele?

Como analisa a chamada polêmica das biografias, que deixou em lados opostos escritores e um grupo de artistas mais ligado à música popular?

A moda da biografia seria alguma coisa a mais que o sinal dos tempos? O gosto do leitor pela biografia é, por um lado, tão contemporâneo quanto

a Internet e o Google e, por outro, está tão enraizado na sociedade pós-1968 quanto o narcisismo. Combine os dois. No retângulo designado à pesquisa no Google, insira o nome de político com importância no cenário nacional. Acompanhe-o da palavra *narcisismo*. Não há livro, jornal, revista, *site*, ou *blog* que não lhe forneça rico material para uma biografia. Em seguida, insira o nome de figura notória das artes e dos esportes. Não será diferente o resultado. Na sociedade midiática e informatizada, o narcisismo ata o político à figura notória e, ao definir a ele e a ela de celebridade, os individualiza e os entrega de bandeja aos biógrafos de JK a Roberto Carlos e a Paulo Coelho.

Silvano Santiago escreveria um livro de memórias ou uma autobiografia em moldes tradicionais? Ou *Mil rosas roubadas* reafirma a opção pela experimentação?

Como diz um velho samba de Linda Batista: “Só vivo na vida que me convém”. Se algum dia me interessar escrever um livro de memórias ou uma autobiografia em moldes tradicionais, escreverei. No momento, não tenho vontade alguma.

O peso da tradição literária brasileira, que transparece em sua obra ficcional, revela-se de que maneira em *Mil rosas roubadas*?

Desta vez senti-me com mais prazer na mesa da literatura mineira. Ela produziu os mais instigantes romances à *clef*, ou seja, aquela prosa literária que transita com coragem e galhardia entre as pessoas do cotidiano do autor. Lembro dois nomes: Ciro dos Anjos, com o notável *O amanuense Belmiro*, e Fernando Sabino, com o sempre moderno e atual *O encontro marcado*. Quem não reconhece os quatro cavaleiros do Apocalipse (Otto, Hélio, Paulo e ele próprio) na trama do romance de Sabino? Não ousa citar Guimarães Rosa, mas deveria. Aliás, o toque não é privilégio dos romancistas. Nosso poeta maior, Carlos Drummond, termina sua brilhante carreira de poeta com os livros *Boitempo*, *Menino antigo* e *Esquecer para lembrar*. Não escondo o fato de que minha tese de doutorado foi sobre André Gide. Não é difícil reconhecer no romance

Os moedeiros falsos, os irmãos Marc e Yves Allegret, Jean Cocteau, Tristan Tzara, etc. Mas a leitura única do romance pelas carteiras de identidade é pobre, evidentemente.

Logo nos primeiros parágrafos está lá o corpo “martirizado pela parafernália de aparelhos”. O corpo é o grande tema de Silviano Santiago?

Certamente. Doei-o até a personagem meu que julgam ser desprovido de corpo. Refiro-me a Graciliano Ramos. No romance *Em liberdade*, roubei-lhe o estilo e lhe dei corpo (se me permitem a frase pretenciosa). *Stella Manhattan* é puro corpo entregue ao desespero e ao desbunde na Manhattan de todos os pecados e crimes. Já um romance como *De cócoras*, visivelmente inspirado no clássico *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, narra o corpo apodrecido dum velho funcionário público aposentado. Arrisquei alguns poemas na vida. Os últimos foram encerrados no livro *Cheiro forte*. Lá está o corpo que envelhece e vai perdendo a graça do viver. Fico com esses exemplos. No ensaio, arrisquei-me a falar do poema “Iniciação amorosa” (1930), de Carlos Drummond.

São muitas ao longo do livro as referências culturais. Que tipo de referências dois adolescentes mineiros de hoje teriam: o entretenimento – na literatura, no cinema, na música, nas artes plásticas – venceu a parada?

Como disse anteriormente, não compete ao crítico de literatura e das artes ser censor. Compete-lhe mapear o estado atual da produção cultural, seja no Brasil seja no estrangeiro. Diante da realidade que é a nossa cotidiana, estamos felizes por saber que as classes C e D entram no mercado de consumo. Natural que o entretenimento passe a ser o pão nosso de cada dia. Mais do que ao crítico cultural, compete ao educador – em qualquer nível da escola – ser a bola da vez. Ele é que deve vencer a parada. Não o artista. Este deve evitar a todo preço a solução de continuidade que poria ponto final no curto e notável percurso da arte brasileira. No mais, é tirar da manga a carta de Oswald de Andrade: a massa ainda comerá do biscoito fino que fabrico. Utopia por utopia, por que não apostar também na utopia artística? Eu e muitos apostamos.